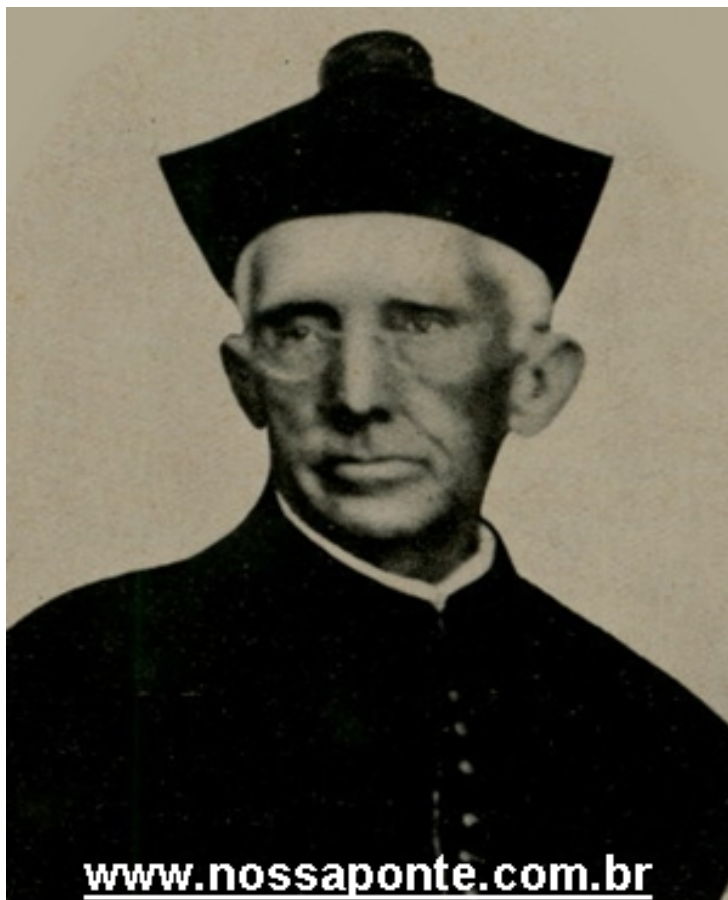


Aqui você têm pequenas notas biográficas de pessoas que fizeram e fazem parte da vida de nossa com

Monsenhor Paulo Emílio Moinhos de Vilhena



Paulo Emílio Moinhos de Vilhena nasceu em Campanha no dia de Santo Antonio, padroeiro da cidade, isto é 12 de junho de 1847. Filho do Major Mathias Antonio Moinhos de Vilhena, natural da freguesia de São Gonçalo e Dona Escolástica Joaquina de Oliveira Carvalho, natural de Campanha.

Seus avós paternos foram Coronel Mathias Gonçalves Moinhos de Vilhena e Dona Iria Claudiana da Silveira, naturais da antiga comarca do Rio das Mortes, São João Del Rey. Seus avós maternos foram Tenente Domingos de Oliveira Carvalho, natural de Goiás e D. Brígida Silveira de Carvalho, natural da vila de Cristina.

Paulo Emílio foi batizado em 16 de julho de 1847 pelo Vigário João de Deos Oliveira, sendo padrinhos seu irmão Domingos de Oliveira Carvalho Vilhena e sua irmã Maria Amália Oliveira Vilhena.

Iniciou seus estudos em Campanha e posteriormente, aos 19 anos, foi para o Seminário de Mariana, que nessa época funcionava no Caraça, onde foi matriculado em 5 de outubro de 1865.

Estudou filosofia escolástica, teologia moral e dogmática, direito canônico, hermenêutica, liturgia e eloquência sagrada. Em 3 de maio de 1870 recebeu as ordens menores, em 8 do mesmo mês recebeu o subdiaconato e em 29 de janeiro de 1871 recebeu o diaconato.

Na manhã fria de 4 de junho de 1871, no Santuário do Caraça, recebeu das mãos de Antonio Ferreira Viçoso, Dom Viçoso, Bispo da diocese de Mariana as ordens sacerdotais. (1)

Retornando para sua cidade natal, Campanha, iniciou sua vida sacerdotal como coadjutor do vigário daquela cidade.

“De compleição franzina, Padre Paulo mantinha uma fé inabalável e vivificadora. De extrema humildade era seu maior encanto o exercício de suas atividades sacerdotais, enfrentando léguas a cavalo, na capela de Ponte Alta, entre a gente simples e boa da zona rural.

Mercê de suas qualidades foi galgando degraus nas dignidades da igreja: Coadjutor do vigário

de Campanha, ao mesmo tempo incumbido da capelania de Ponte Alta, Vigário de Campanha, cônego, Cura da Sé, vigário geral do Bispado, monsenhor e protonatário Apostólico. Mas para o povo sempre e até a morte haveria de ser o “Padre Paulo”, expressão de sua familiaridade com os pequenos, com os humildes, com os necessitados – os seus prediletos.

As práticas religiosas de doce, suave simplicidade, penetravam no coração de todos, dos grandes e pequenos, vivificando a fé, ensinando a caridade, aconselhando a resignação.

A sua assistência espiritual animava, consolava e não faltava, pronto a acudir a quantos precisavam de socorro, nas zonas rurais miraculosamente afrontando, com a debilidade de seu físico, a aspereza das estradas, as trevas da noite, as rajadas das intempéries.

E sua assistência material? – de quem começava por nada possuir, por nada guardar, tudo distribuindo, de tudo se privando!

Seja contemplando sua obra de um São Vicente de Paulo, a realizar prodígios, com a força de sua fé conseguindo essa verdadeira multiplicação de recursos que obtém, para amparar os desvalidos, as órfãs, as viúvas, que a todos socorre, culminando a ação que desenvolve, na Santa Casa de Misericórdia que reergue engrandece, sendo provedor por um quarto de século, e no Orfanato que lhe é anexo, objeto de seus maiores carinhos.” (2) Padre Paulo era muito virtuoso. Quando houve uma epidemia de tifo, na zona rural de Ponte Alta, com um carro de boi ele recolhia os doentes e os levava para a casa paroquial, fazendo dela um hospital. Vidas foram salvas graças a ele que passava noites dando remédio para os doentes. (3).

Ângelo Giuseppe Bellato pediu para ser confessado pelo Pe. Paulo Emílio Moinhos de Vilhena, que em sua bondade, foi de Campanha a Ponte Alta a cavalo, a meu pedido, e por lá chegou em uma noite bastante fria e, após tomar um cálice de vinho do Porto, foi para o quarto a fim de confessar Ângelo. Terminada a confissão, disse para os presentes: "Estou feliz, pois hoje atendi em confissão um de meus melhores amigos". (4)

“Ele era realmente um homem de Deus, um homem de caridade, nos sabemos também que sua caridade ia a tal ponto, porque ele vivia junto com sua irmã que cuidava da casa e ela muitas vezes falava com ele: onde está o pão que comprei pra gente comer? Ele dizia: passou um pobre pedindo pão e eu dei, e sua irmã dizia: Paulo o que vai comer? Ele dizia não tem

importância o pobre vai comer; de outra feita ela foi arrumar a cama dele e não estava o cobertor e então perguntou Paulo onde está o cobertor e ele respondeu: passou um pobre pedindo cobertor e ela perguntou: Paulo você dormiu assim? Ele respondeu, mas ele dormiu coberto... então ele era dedicação, doação, ele não queria nada para ele. Tinha um lema: não há sacrifício para quem ama.” (5).

Com a chegada do Monsenhor Paulo Emílio, o bairro (Santa Cruz) tomou novo aspecto. Ele realizava casamentos de pessoas que já moravam juntas e de novos solicitantes, preocupando-se em colocar em ordem a situação dos casais e também cuidava dos batizados. Para estes serviços nada cobrava, só recebia alguma oferta quando alguém podia lhe oferecer. Dizia: “Nada cobro de ninguém, mas se alguém quiser me dar uma esmola, aceito”. O vigário vinha de Campanha a cavalo, algumas vezes para dar assistência espiritual ao lugar (bairro Santa Cruz), bem como ao povoado de Ponte Alta.

De vez em quando o vigário fazia procissões, saindo do centro de Ponte Alta indo até o Cruzeiro, onde realizava uma missa. (6).

Monsenhor Paulo Emílio foi Vice-Presidente da Câmara de Campanha e lecionou no Colégio Santa Maria de São Gonçalo do Sapucaí.

Seguiu sua vida sacerdotal sempre em Campanha e prestando assistência aos fiéis da vila de Ponte Alta até o fim de sua vida o que aconteceu no ano de 1926, mais precisamente no entardecer do dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis. Aos 78 anos de idade faleceu em casa de sua sobrinha D. Escolástica Vilhena de Valadão, depois de curta enfermidade. Seu corpo foi encomendado pelo bispo diocesano D. João de Almeida Ferrão, que celebrou missa juntamente com o Bispo Coadjutor D. Inocêncio Engelke. Grande acompanhamento seguiu até o cemitério de Campanha, com a Banda Zoroastro de Azevedo executando marchas fúnebres. Dando o último adeus ao venerando sacerdote, discursou o Sr. Aureliano de Assis Toledo.

Dia 8 de dezembro de 2005 em comemoração ao dia da cidade de Monsenhor Paulo, seus restos mortais foram removidos de seu sepulcro em terras campanhenses e seguiram para repousar eternamente sob o solo da cidade que ele viu nascer, que ajudou a crescer e que catequizou, plantando a semente da paz, do respeito ao próximo, da solidariedade cristã e do amor a Jesus Cristo.

Autor: Francisco de Paula Belato



O Major Mathias Antonio Moinhos de Vilhena nasceu 1801, na freguesia de São Gonçalo, filho do ilustre casal Coronel de Milícias Mathias Gonçalves Moinhos de Vilhena e Dona Iria Claudiana Umbelina da Silveira, irmã de Bárbara Heliadora.

Casado em 1828 com Dona Escolástica Joaquina de Oliveira Carvalho, filha de Domingos de Oliveira Carvalho, rico comerciante da cidade de Campanha.

O casal teve doze filhos: Tenente Coronel Domingos de Oliveira Carvalho de Vilhena, casado com D. Maria Úrsula de Freitas; Desembargador João Bráulio Moinhos de Vilhena casado com Manuela Augusta de Alckmin; Tenente Coronel Mathias Antonio Moinhos de Vilhena Junior casado com Dona Francisca de Paula Dias; Capitão Antonio Carlos Moinhos de Vilhena casado com Maria Bárbara de Miranda; Francisco Moinhos de Vilhena faleceu jovem; Cônego José Theophilo Moinhos de Vilhena, foi vigário de Campanha por mais de dezesseis anos; Monsenhor Paulo Emílio Moinhos de Vilhena, vigário geral do Bispado de Campanha; Maria Amália de Vilhena casada com o Comendador Manoel Ignácio Gomes Valadão; Maria Rita de Vilhena casada com Seraphim Antonio de Paiva Pereira, natural de Portugal; Anna Edwiges de Vilhena casada com Antonio de Souza e Silva Brito, português; Maria do Carmo Vilhena e Maria Emília Vilhena, que se conservaram solteiras.

O Major herdou de seu progenitor os sentimentos de honra, de civismo e principalmente de religião e bondade que transmitiu á sua prole.

Especiais condições de família impediram que fizesse estudos mais regulares, grande era o número de seus irmãos e, assim, pesados os encargos da casa paterna, rica a principio, aos poucos foi exaurindo, em parte mercê do insucesso da Inconfidência Mineira, pois seu pai o Coronel Mathias era concunhado de Alvarenga Peixoto.

Pertenceu a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês onde foi Prior.

Foi, por algum tempo escrivão de Órfãos ⁽¹⁾, se consagrou á agricultura, abrindo a importante fazenda "Conceição", na freguesia de Vargem Grande, atual Monsenhor Paulo, mercê principalmente da considerável herança paterna, que, filha única, sua esposa recebera. A carreira política não o seduzia.

Era, porém, um liberal, e cumprindo rigorosamente seus deveres cívicos, sempre interessado pelo progresso de sua terra e de sua pátria. Foi um genuíno patriarca, educando seus filhos, no ensino e no exemplo das suas mais apuradas virtudes cristãs. Mantinha, em seus hábitos, na sua apresentação e na sua indumentária a linha fidalga, mas ao lado disso era um espírito voltado para Deus e para os menos afortunados.

Fazia transportar e hospedava bispos e missionários para a pregação. Reparava templos e construía capelas. Compadecia dos enfermos e foi um dos grandes benfeitores da Santa Casa de Campanha, da qual foi eleito provedor em 1851, missão que desempenhou com grande empenho, sacrifícios e benemerência.

Fez erguer, pelos seus escravos, uma capela, em 1876, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que era a protetora de sua fazenda. Capela, ao redor da qual surgiu o povoado de Ponte Alta, e que se ligará, para sempre, á figura de seu filho, Monsenhor Paulo Emílio Moinhos de Vilhena, que sendo vigário do bispado de Campanha vinha ali dar assistência aos fiéis do povoado.

O Major Mathias possuía a princípio considerável fortuna, mas a foi diminuindo, na sua

desambição, no vasto auxílio prestado a obras religiosas, na educação de seus filhos, que eram muitos, e nessa caridade que derramou sempre, a mancheias, um São Vicente de Paulo, inclinado para os pobres, a surpreendê-los com seus socorros, bendito por tantos lares campanhenses e da freguesia de Vargem Grande.

Cercado do carinho dos familiares e amigos o Major Mathias faleceu piedosamente em Campanha no ano de 1886. O jornal “O Despertador” daquela cidade anunciou seu falecimento:

“Com o passamento do major Mathias perdeu a Campanha um de seus mais distintos e honrados cidadãos, um verdadeiro patriota que nunca poupou esforços para o engrandecimento material e moral desta terra, que está cheia de seus benefícios. Muitas vezes, o major Mathias, guiado pela justiça e pelos doces sentimentos que inspira a religião do Cristo, livrou da miséria famílias inteiras. O nome da major Mathias está gravado com letras indeléveis no coração dos pobres, e este é o seu maior padrão de glórias. No dia 8 houve o seu enterramento, sendo imenso concorrido, o que prova exuberantemente quanto era considerado”.

Fontes: Arquivo Público Mineiro; Alfredo Valadão - Campanha de Princesa vols.2 e 4; Cúria Diocesana de Campanha, Cúria Diocesana de Mariana, Centro de Estudos “Mons. Lefort”.

·
(1) **Escrivão dos órfãos** era o oficial público que atuava com a autoridade do juiz dos órfãos, reduzindo a escrito todos os atos dos processos que cabiam ao dito juiz. Era cargo de provimento real que tinha mandato de 3 anos, devendo o candidato ter no mínimo 30 anos de idade.

José Martins dos Santos





